ANO 5.º — Sexta-feira, 10 de Maio de 1912 — NUMERO 220

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 40 réis
Comunicados . . . . 20 réis
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

PERANTE A JUSTIÇA?

O julgamento dos conspiradores de Aveiro

Segundo dizem varios jornaes, assim como por varios trabalhos ultimados e requisição de diversos documentos, depreende-se que deverão ser julgados como conspiradores, nos tribunaes da Relação do Porto, no dia 14 do corrente, os individuos que nas cadeias daquéla cidade se conservam presos, resto dum maior numero que em sucessivos agràvos teem sido mandados pôr em liberdade.

Os que agora darão conta dos seus actos ao juri, dêsses mesmos actos déram já conta ao juiz de direito désta comarca, aos juizes da Relação do Porto e aos juizes do Supremo Tribunal de Justiça, em Lisboa, e em todos estes tribunaes fôram julgados criminosos.

Não são, pois, conspiradores vulgares, dêsses que pela sua ignorancia fôram figuras abstratas no movimento repugnante e infame que se preparou e para o que muitos ainda trabalham com o fim de derrubar as instituições actuaes.

Estes, nomeadamente o chefe, dr. Jaime Duarte Silva, de quem o seu passado, como homem e como politico, é o testemunho mais irrefragavel da grandeza conscienciosa da sua culpa no crime que lhe é imputado, não são apagados personagens, nem inconscientes comparsas na tragedia que se ensaiou!

Não. *O reviralho*, termo da exclusiva creação de Jaime Silva e que servia para designar o acto da restauração da monarquia, teve nêle e nos que fôram arrastados para a sua obra, a mais decidida e a mais consciente cooperação!

Jaime Silva, importando grande quantidade de armamento, parte do qual foi apreendido, pretendia, sem duvida, pela sua parte e dos seus, cooperar com a maxima precisão e decidida bôa vontade, secundando em Aveiro, o movimento restaurador, e que tinha importantes ramificações em Ovar, Agueda, Oliveira do Bairro, etc.

E a prova é que lá estão nas fileiras do Couceiro, grandes cooperadores e auxiliares de Jaime Silva: Homem Cristo, Alvaro Chagas (que aqui esteve varias vezes em tenebrosas combinações, como se prova por documentos apensos ao processo) o gatuno e vadio Manuel de Oliveira e em Inglaterra o dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, o inimigo feroz dos republicanos quando desempenhou as funções de juiz de instrução criminal.

Jaime Silva, iludiu-se a si proprio, confiando de mais na sua estrêla, que lhe sorriu até o momento que, preso— porque não podia deixar de ser, tanto ás escancaras tramáva contra a Patria— não conseguiu fugir, indo para onde hoje estão os seus amigos, os seus aliados!

Jaime Silva teria cumprido a sua intenção afastando-se, não após a proclamação da Republica, convencido de que não o agrediam, mas nésta oportunidade se podesse crêr na sua captura.

Terei de emigrar porque a Republica não me toléra aqui!!!

A unica verdade que Jaime Silva disséra durante a sua vida! E apezar da rasão de tal raciocinio, a Republica tolerou-o e êle paga-lhe, urdindo o trama miseravel e infame de que agora dará contas.

Jaime Silva supuzéra fundadamente que a Republica não devia tolerar o apóstata repugnante, o que acintosa e calculadamente perseguia e insultava os republicanos, cuspindo sobre todos sem excéção, as maiores afrontas, numa persistencia feroz; Jaime Silva crêra que a Republica deveria expulsar do seu seio o ente criminoso e crapuloso, contando na sua existencia, encarada sob qualquer ponto, um rosario de culpas e de crimes; Jaime Silva julgára que a Republica enxutaria para longe o que, ao findar a publicação dum jornal republicano, antes da sua apostasia torpissima, justificáva nas seguintes palavras a suspensão da gazeta:—*Ano de lucta pelo bem da nossa terra onde procurámos semear moralidade e bons principios: ano de guerra ás ladroeiras, ás infamias, á corrução que campeia impávida nos arraiaes da nossa circumscrição.*

Pouco ou nada conseguimos e a razão é óbvia.

Hoje em dia, *para se ser,* **é preciso ser ladrão, filho de ladrão ou de familia de ladrão. E' preciso ser corruto, imoral, sem escrupulos, sem dignidade sem pundonôr.**

Quem assim não fôr, não vale. E quem tivér aquélas virtudes *está ao abrigo de qualquer mal.*

Jaime Silva, que escreveu textualmente o que aí reproduzimos, dentro ainda da sua adesão ao ideal republicano—abjura indignamente dêsses principios e para, *estar ao abrigo de qualquer mal* possuindo *aquélas virtudes*, aceita a monarquia na sua maxima podridão e identifica-se com a seita maldita do franquismo, que aqui serve, monopolisando todos os cargos de representação e cometendo uma série enorme de violencias e tropelías.

A revolução de 5 de outubro encontrava-o no mais vivo e amplo convivio com aquêles que êle injuriára tão profundamente e que por sua vez lhe retribuiram no mesmo tom!

E então os *invertidos, os ladrões, a refinadissima malandragem*, designações mutuas com que êles se distinguiam, chafurdavam no mesmo lamaçal, caldeavam-se no mesmo esterquilinio: — Jaime Silva, Homem Christo, conde de Agueda e tantos outros.

Jaime Silva raciocináva bem: *— a Republica não o deveria tolerar!!!*

* * *

O processo-crime que se discutirá é, sob todos os pontos de vista, edificante.

Nas proprias testemunhas de defeza ha um verdadeiro manancial de argumentos, de indicações, de provas, para que, só os que não quizerem ver, não acreditem na culpabilidade criminosa e consciente dos acusádos.

Não cabe num pequeno artigo transcrever desse formidavel libélo, as dezenas de provas e argumentos de toda a espécie, que são exuberantes de evidencia e de culpa para os incriminados.

Mas não fugimos á tentação de reproduzir a nota cuidadosamente ferida nos depoimentos dos srs. Jaime Magalhães Lima, que, como se sabe, foi nêste distrito, o apaniguado e emérito representante de João Franco; do padre Fernandes; de Albino de Miranda, um dos serventuarios mais dedicádos e prestimosos da monarquia, e ainda doutros individuos, que veem afirmar, que **em caso de revolução monarquica que muitos esperavam a cada hora,** Jaime Silva corria risco!!! Mas dando de barato que assim fosse, perguntâmos nós: haveria a necessidade de importar dezenas de pistolas, como do processo consta, e por confissão espontanea dum dos culpados, Firmino Fernandes, e da respectiva prova testemunhal?

Mas quem esperava a cada hora a revolução monarquica? Sem duvida os que a pretendiam fazer, sim; os reus, com muitos outros, que tanto ou tão mais criminosos do que alguns dêles, tiveram a fortuna de não terem conseguido as provas que contra estes coligiram!

João Luiz Flamengo, escrivão de direito, que como um suprêmo escárneo ainda aí está, a pôr de novo o cartorio *no cáos em que foi encontrádo* quando da sua prisão, testemunha de defeza, declara, sem rebuço, não havendo comparação, todavia, com os minuciosos detalhes que fornece o reu Firmino Fernandes, que **por pequenas cousas que ouvia, e pela atitude de Jaime Silva e seus amigos se secundaría qualquer movimento revolucionario se o houvesse.**

Mais não póde dizer por Jaime Silva se retraír, na sua presença e na de Elmano da Cunha.

Outra testemunha de defeza, o sr. Joaquim Dias Abrantes, negociante e amigo muito cotádo de Jaime Silva e da sua gente, declara sem rodeios, com esta serena convicção que vem da verdade absoluta que: **reconheceu que Jaime Silva tratava de conspirar contra as instituições, auxiliando a incursão de Paiva Couceiro nos nossos territorios.**

Aparece-nos depois grande numero de individuos que se constitue em protétores de Jaime Silva, do homem de quem precisam para tudo quanto necessario fôr no mais amplo significado da palavra e todos êles, Francisco Regala, Alvaro de Ataíde, padre Duarte Silva, Albino Pinto de Miranda, Atanasio de Carvalho, Carlos Barbosa, Joaquim Torres, Manuel Moreira, Manuel Christo e outros, decláram e juram que— **Jaime Silva era um republicano devotado e trabalhava decididamente sob aquéla bandeira, fundando com Homem Cristo o Centro Nacional Democratico!**

Que ignobil cinismo, que revoltante farça!

Pouco dura éla, porém, pois é Jaime Silva que, querendo diminuir o grau de responsabilidade do seu crime, declára no final das alegações que em sua defeza produz—**não ter outra culpa que não seja a de detenção de armas de fogo e sendo cérto que é monarquico nenhumas ligações tem com qualquer conspiração nem se intrometeu jámais em actos politicos de qualquer natureza que fôssem desde a implantação da Republica.**

Refalsada mentira com que Jaime Silva termina a sua defeza!

O mais leve exame ao processo, essa convicção nos faculta, da fórma mais completa e indiscutivel!

Declarou-se monarquico, comprometendo assim o depoimento de tantos amigos seus, julgando que com essa declaração forçada pelas circumstancias, faria passar por verdadeiro o resto da sua confissão!

Que cruel engano!

Agora, para cumulo da abejéção dêssa alma pôdre, Jaime Silva declara aos teus julgadores que procedeu—*sem intenção criminosa!*

E todos nós devêmos nisso, piedosamente crêr—ó repugnante Tartufo!—digno émulo do Christo, que te alcunhou de *Mijarêta*, que bolsou sobre ti as afrontas mais injuriosas e com quem mais tarde, apostata indigno como êle, com êle te confundiste na conspiráta vil, na calunia abjecta contra a Patria e contra a Republica?

Justiça! Justiça! Se Justiça ha em Portugal.

MAIS UM

Sim, mais um que tenta morder, sem que contudo o consiga, as canélas do ex-governador civil de Aveiro, hoje director da Penitenciária de Lisboa, dr. Rodrigo Rodrigues.

E' o *Povo de Agueda*, jornal de orientação personalista, afecto ao sr. Antonio José de Almeida e que lendo, nas horas vagas, pela cartilha do *enciclopédico* heroe da Rotunda, tambem acha que o dr. Rodrigues *espalhou a desolação e a dôr no distrito de Aveiro.*

Caro colégá: entristece-nos muito que a imprensa republicana se entretenha a crear em volta dos homens de prestigio, de talento e de probidade uma atmosféra de suspeita que só redunda em prejuizo das instituições. O dr. Rodrigues não precisa que o defendâmos nem nos deixou procuração para isso. Entretanto é de nossa obrigação aqui dizer ao *Povo de Agueda* que se o ex-governador civil de Aveiro *espalhou a desolação e a dôr no distrito*, foi para defeza da Republica que, ameaçáda por aquêles que não teem autoridade moral para a fazer substituir pelo rei imbecil que aí tivémos sentado no trôno de Portugal, se dávam ao prazer de contra éla conspirárem comprometendo-se e arrastando atraz de si muitos inconscientes, mas que nem por isso deixam de ter responsabilidades nas tentativas planeadas de restauração monarquica.

Não queria o *Povo de Agueda* que a autoridade procedêsse? Vê-se que não. Ficam-lhe bem esses sentimentos e por conseguinte só o têmos que louvar hoje como no dia em que virmos acompanhar *bras dessous, bras dessous* os inflamádos republicanos de outr'ora com os seus encarniçados inimigos de sempre.

Se o dr. Rodrigo Rodrigues, o honesto republicano dr. Rodrigues, não havia de ter detratores...

BEJA DA SILVA

Reassumiu as funções de comissario de policia de que estêve afastado emquanto durou o inquérito ao conflito havido na sua repartição com o amanuense do govêrno civil, Acácio Rosa, êste nosso presado amigo, a quem felicitâmos desde já pela justiça que acaba de lhe ser feita, reservando para o proximo numero algumas considerações ácêrca ainda do lamentavel incidente.

Veneno

O sr. Brito Camacho, que já ha dias no seu jornal *A Lucta* mostrára graves receios de que seriam guindados á classificação de republicanos historicos, dois individuos presos nas cadeias do Porto, como consequencia natural duma *propositada* visita do sr. dr. Bernardino Machado a esses individuos feita, vendo-se o sr. Camacho na contingencia *de os gramar, se não fosse a especie de luteranismo que êle inaugurára* na atmosféra politica do país, torna de novo a tratar do caso, agora com mais rancôr que da primeira, vez, transcrevendo da carta de Jaime Silva uns periodos que lhe servem de reforço á sua envenenáda referencia.

Ao sr. Brito Camacho, que a elevação incontestada do seu espirito deveria afastar do charco imundo da paixão vil e do facciosismo repelente, onde se debatem apenas creaturas mediocres e pequenas, não lhe repugnou procurar nas palavras duma réles e condenáda creatura, argumento, embora ficticio, para tentar ferir uma das grandes individualidades do nosso país, com revelantes serviços, de inconfundivel valor, á Patria e ás instituições, ainda que nêles talvez não beneficiasse a minuscula *côterie* do sr. Camacho!

Se o sr. Camacho principia a transcrição do grande *documento* pelo periodo anterior áquêle em que a começou, tinha reproduzido o seguinte:

Afirmo que o dr. Bernardino Machado não veio á cadeia da Relação, na passada segunda-feira, 22 de abril, de proposito para me falar.

Campreedemos perfeitamente que a transcrição de taes palavras não convinha porque élas eram, o nó gordio da questão, e viriam provar o que o sr. Brito Camacho desejáva contrariamente demonstrar. Então s. ex.ª reproduz o periodo em que o *Jaiminho* diz que o dr. Bernardino subiu á secretaría *de proposito* para lhe falar.

E' claro que, o dr. Bernardino Machado, subindo á secretaría onde, por todos os motivos, não poderia deixar de ir, visto que a secretaría é a sala para visitas daquela categoria, o dr. Bernardino não foi lá, com o exclusivo fim de ver o Jaiminho, mas, com o proposito de visitar o edificio, e dêsse proposito se aproveitaram, porque não haveria outro para o *Jaiminho* aparecer a convite do primo—é o proprio *Jaiminho* que o diz—e falar-lhe, o que se repetiu com o dr. Bernardino, a quem, não sabemos se o *Jaiminho* contou o caso do retrato e do *Pulha de Aveiro*...

O sr. Brito Camacho, a este proposito, não se contentou em escorregar. Escorregou e caíu, partindo o frasco do veneno, com que, no seu despeito injustificado, pretendia atingir o velho e honrado democrata que é Bernardino Machado.

Mas porque não tenta o sr. Brito Camacho obter a adesão de Jaime Silva no seu grupo? A aquisição sería magnifica e creia que ficava muito bem servido... se o atraísse, porque, pelo menos, é um *cabo de ordens* de alto lá com êle...

Experimente...

* * *

Depois de escrito o que atraz fica, é-nos pedida a publicação da seguinte carta, que vimos inserta já em alguns jornaes do Porto, onde o sr. dr. Moraes e Costa, sem *arteirismos*, mais uma vez se colóca ao lado da verdade, defendendo-a com a autoridade do seu caracter:

Sr. redactor

Só agora vi que alguns jornaes publicam uma carta de meu primo sr. Jaime Duarte Silva, preso por conspirador nas cadeias da Relação e em que se procura interpretar de certa maneira a visita que o dr. Bernardino Machado fez áquéla cadeia acompanhado por Francisco Aranha e por mim.

Tendo eu já publicado uma carta explicativa e pormenorisando os factos com a veracidade a que o meu respeito pela opinião pública me obriga, nada devo a éla acrescentar senão que acima de quaisquer considerações de familia estão a realidade singéla dos factos e a lealdade do meu caracter.

Portanto mantenho simplesmente o que afirmei naquéla carta, como irredutivel expressão da verdade.

De v., etc.

Correligionario muito dedicádo

Moraes e Costa.

SANTA RELIGIÃO...

Telegrama que apareceu esta semana em varios jornaes:

«*Rio de Janeiro, 5*—A *Gazeta de Noticias* informa que se descobriu um desfalque de sessenta contos na tesousaría da *Liga Monarquica D. Manuel II*, tendo o facto produzido grande sensação.»

E' natural. Porque toda a gente se havia de admirar como, tratando-se duma instituição monarquica, o cofre déla demorasse tanto a ser saqueado.

O que fazem os *bons* exemplos...

ASSUSTADIÇOS

Os srs. Brito Camacho, Antonio José de Almeida e Machado Santos não teem ultimamente ganhádo para sustos, mórmente depois das revelações do primeiro, na *Lucta*, por onde se veio a saber, pela centessima vez, que *em conciliabulos que a policia traz de ôlho, se advoga e planeia a eliminação violenta de cértos republicanos*, etc., etc.

Dascancem os assustadiços *defensores* da Republica, de quem os monarquicos tanto gostam, que tal não acontecerá. Véla por êles a Virgem Maria, e Paiva Couceiro espéra galardoar-lhes os serviços quando, triunfante, entrar em Portugal...

Portuguêzes de hoje e de sempre

Em todos os tempos houve pusilanimes, terroristas, hipocritas e falsos profétas. E' da historia dos povos e das nações e Portugal, que sempre têve heroes que ao mundo déram exemplos de virtudes civicas, não deixou de alimentar em seu seio, descrentes e apavorados que só servem para crear desanimos e entorpecimentos á patria, isto é, a semente má que germina na bôa ceára que o proprietario e ceifador tem de eliminar.

Hontem e hoje, atravez dos seculos que Portugal conta, estes estorvos ou sementes daninhas não evitáram, feliz-

mente, que o bom obreiro proseguisse dia a dia e tornasse mais fecunda a patria dos heroes que déram lições aos povos e ao mundo, levando a civilisação e o seu nome aos vastos confins da terra, sem que os amedrontassem as legiões inimigas, impulsionados apenas pela inquebrantavel fé patriotica.

Embora os maus agouros dos parazitas de todos os tempos, fômos grandes e nobres aos olhos do mundo e se por um pouco nos quedámos, foi o sono da indolencia, embalado na riqueza e nos louros que nos produziu esse entorpecimento; mas como dormir não é morrer, embora o sôno seja a imagem da morte, bem depressa retomámos o logar que nos pertencia e de novo caminhâmos.

Tem sido diversas as *étapes* mais ou menos ruinosas ou propicias; a de agora, marcada pelo novo regimen, ha de ser admiravel em beneficios que jámais os tibios e os dubios poderão enfraquecer com a falta de fé. Os que nada fazem nem produzem, querem tudo d'um salto, nada os contenta, de tudo desdenham, e não lévam á paciencia que outros saiam da rotina de processos condenádos e perniciosos.

São enfermos de tára hereditária que devem ser postos de parte como incuraveis nos seus males; as suas lamurias irão com êles ao sepulcro anonimo e a patria cuidará dos sãos e dos vivos que por éla darão a vida.

O que sempre e em todos os tempos tem sucedido, e é indiscutivelmente verdadeiro.

Confrontos

O papel de que se divorciou o sr. dr. Cherubim Vale Guimarães, á falta doutros assuntos e demonstração evidente do bom senso, nunca desmentido, do seu editor responsavel e director (!!!) tem-se alargado presentemente em encomios gratuitos a Jaime Duarte Silva, preso como conspirador!

Para que nos havia de dar um dia dêstes a pachorra? Fômos folhear a rica colecção do papelucho e logo no seu n.º 21, de 5 de maio de 1910, o referido Jaime Duarte Silva era assim apreciado pelo mesmo editor responsavel e director de então:

Á camara não póde ocorrer ás despezas com os pobres asilados, mas póde nomear uma professora por imposição do director de um semanario e para que êle não continuasse a agredir o sr. Gustavo!!

Como não soubésse toda a gente que tal semanário se montou de proposito para agredir o sr. Gustavo.

Isto é que são jornalistas de barriga!

O' vergonha, onde foste anichar-te que ninguem te encontra! Ainda que lhes dôa, vâmos contar o caso edificante da nomeação da professora parenta.

Ha-de vêr-se como cérta imprensa cumpre o seu dever.

Uma verdadeira vergonha!

Um descaramento inaudito!

E depois apregôa-se moralidade!

E' o cumulo da desfaçatêz!!

Gostaram? pois terão os nossos leitores de ora ávante uns pedacinhos identicos, pelos quaes, se disso ainda não estão convencidos, irão avaliando com mais segurança, a criteriosa orientação do *orgão dos taberneiros*, que reconhecia, ha dois anos precisos, qualidades diametralmente opostas áquélas que hoje descobre e refére do triste heroe!

O' farçantes ignobeis!—dizemos nós.

Escola de Taboeira

Ao sr. sub-inspector de instrução primária lembrâmos a conveniencia de provêr, quanto antes, na cadeira ha tempo vaga naquêle logar, uma professora com as competentes habilitações afim de que as creanças não deixem esquecer o que já sabiam, ensinádo por a que de lá saíu.

Assim o desejam os pôvos da area que a escola serve.

Carta

Sr. Director do *Democrata*.

Sobre uma local que o *Povo da Murtoza* hoje publíca no seu numero 347, ainda sobre o famoso caso da visita do dr. Bernardino Machado ao sr. Jaime Duarte Silva, nésta data envio áquêle jornal uma carta de que lhe mando a copia, pedindo-lhe a sua inserção no *Democrata*:

Ex.mo Sr. Miguel Valente d'Almeida Cirne.

Na 2.ª pagina, 3.ª coluna do Povo da Murtoza *n.º 347 de hoje, sabado, 1 de maio, vem uma local, a primeira da secção* **Coisas** *— sob a epigrafe* Uma visita*—para a qual não posso deixar de chamar imediatamente a sua atenção, patenteando-lhe ao mesmo tempo a minha estranheza pela inserção tão despropositada e inconveniente de tal local, depois das retumbantes circunstancias que cercaram o baixissimo e réles truc com que o sr. Jaime Silva, chefe do complot monarquista de Aveiro, pretendeu dar um audacioso golpe de mão na politica republicana désta cidade, circumstancias que V. Ex.ª não pode ignorar, tal o arruido que fizeram néstas ultimas duas semanas.*

A 22 ou 23 de abril, um jornal de Aveiro publicáva a sensacional noticia da visita do sr. dr. Bernardino Machado ao conspirador Jaime Silva, na cadeia do Porto. Este caso fez barulho como não podia deixar de fazel-o, tão inverosimil se patenteava, mas logo em 26 o Democrata *desmentiu-o retumbantemente com uma carta do dr. Morais Costa, que na famigerada visita acompanhou o dr. Bernardino Machado, e ainda com uma entrevista que um dos redactores dêste jornal foi propositadamente obter, no Porto, dêste ilustre republicano.*

O desmentido categorico e formal do Democrata *maior sensação fez ainda, por vir pôr mais uma vez em destaque as manhas de raposa do sr. Jaime, que assim se viu vergonhosamente desmascarado.*

Ora o Povo da Murtoza *assim como teve conhecimento da.. visita, tambem incontestavelmente têve conhecimento do desmentido.*

Ainda em 3 do corrente o Democrata *insere em grosso normando afirmações contra a ignobil mentira com que se procurou fazer um jôgo, que felizmente faliu vergonhosamente.*

Como é, pois, que, sabendo de tudo, por que não podia deixar de sabel-o, vem ainda, em 4 de maio, o Povo da Murtoza *dizer que* tem sido muito notada a visita que o dr. Bernardino Machado fez, ha dias, ao advogado e nosso particular amigo dr. Jaime Duarte Silva, na Relação do Porto?

Quando em 5 de Agosto de 1905 se fundou o Povo da Murtoza *de cuja empreza fiz parte e cuja direcção assumi, foi com um acentuado caracter de independenia, rectidão que sempre procurei manter-lhe intransigentemente; foi com uma orientação liberal de justiça, de que muito me honro, e em que encontrei a meu lado, não só todos os membros, mas particularmente os meus colegas da redacção.*

E' pois com profundo desgosto que, numa questão tão séria como o do complot de Aveiro, *eu vejo o* Povo da Murtoza, *onde até ha pouco tempo dedicadamente trabalhei, afastar-se da linha de conduta que lhe traçou o corpo de redacção de que fiz parte. e que êle tem mantido até agora, para entrar pelos trucs de imprensa de que certos jornais lançam mão para visar fins, cujo diapasão vai desde os mais inconfessaveis até aos mais anti-patrioticos.*

Com que fim, o Povo da Murtoza, *fala, 15 dias depois,* como positivamente consumado, *num facto* que sabe perfeitamente que não se deu, *por que já ninguem o ignora?*

Porque razão insiste ainda no facto depois de saber que não se deu, e faltando, portanto, propositada e levianamente á verdade?

Por mau caminho envereda o Povo da Murtosa *e releve-me o sr. Valente de Almeida por vir advertil-o disso mesmo.*

Acostumado como estou a pôr a verdade acima de tudo, e habituado a ver no Povo da Murtoza *um dos jornais mais considerados da provincia, é com sincero pesar que o vejo afastar-se déssa linha honrosa de rectidão que até agora tem mantido, para vir ainda ferir, ingenuamente, na curiosidade pública, uma tecla que já não dá som por que o* Democrata *lhe rebentou logo a corda.*

Que o Povo, *se nisso tinha interesse, propalasse o caso aos quatro ventos, na ocasião, antes dos desmentidos tão formais que até o proprio preso veio afirmar* que o dr. Bernardino Machado não tinha ido á cadeia visital-o—*e o* Povo *tambem não póde ignorar isto, por que já foi publicado no mesmo jornal de Aveiro onde colheu a noticia da visita, e publicado muito a tempo de retirar a local se éla já estivesse escrita—justificava-se; mas 15 dias depois, (15!) déla desmentida, vir ainda afirmal-o, é ingenuidade que chega a provocar dó pela inconsciencia do articulista que tão mal compreende as responsabilidades da imprensa.*

Muito estimaria ver esta inserta no Povo *e creia-me*

Mt.º Od.º

Porto, 5 de maio de 1912

Humberto Beça.

Oferta

Procedente de Vále Maior, trouxenos o correio, ha dias, um volumesinho de versos intituládo—*Dizeres do povo*—de que é autor o mimoso poeta Antonio Correia de Oliveira. Subscréve a dedicatória o nome aureoládo do distinto escritor Domingos Guimarães que, num excesso de gentileza para comnosco, quiz pôr na primeira pagina do pequeno livro palavras que nos confundem e que só podêmos atribuir á amizade que o ligáva a um jornalista de nome e de caracter—Julio Lobato—cuja morte ha um ano noticiámos néstas colunas com frases repassádas da mais sentida comoção. E' que Julio Lobato, companheiro querido de luta pelo ideal que era toda a aspiração dum povo sedento de Liberdade, de Justiça e de Razão, bem merecia de nós, posto que nunca o tivéssemos conhecido pessoalmente, toda a nossa admiração pelo amôr que dedicáva a esta Patria, pela intransigencia e desinteresse com que combatia pela Republica.

Pobre Julio Lobato, sim, diz bem, Domingos Guimarães. Pobre dêle e—ai!—pobres daquêles de quem a sorte fóge exatamente por têrem defenido um dia a sua situação, seguindo assim, estrada da vida fóra, quasi esquecidos, porque jámais curvâram a servís deante de qualquer potentádo endoçando-lhe a consciencia.

Sr. Domingos Guimarães: permitanos que lhe agradeçâmos a sua oferta, e não tóme a mal se parte das linhas escritas, á penna, com que a fez acompanhar, fôrem aceites como sendo de méro favôr apenas.

CONGRESSO EM AVEIRO

Para tratar de assuntos que se prendem com a reunião do partido republicano nésta cidade, em abril do proximo ano de 1913, já foi constituida uma comissão composta dos srs. dr. Mélo Freitas, Arnaldo Ribeiro, Alferes Gaspar Ferreira, Bernardo Torres e Manuel Barreiros de Macêdo, que ficou encarregáda de estudar o que ha a fazer para garantir aos congressistas os alojamentos indispensaveis, bem como outros motivos sujeitos a ponderação.

Os comissionádos mostram o maior desejo de trabalhar com afinco para que os seus hospedes, ao retirárem, lévem as mais grátas impressões dos dias que aqui permanecêrem.

ORA TOMA...

Do *Intransigente*, sem contudo ser do heroe-jornalista Machado Santos:

«O que já nos importa algum tanto é que haja por aí tanto cerebro vasio a causticar-nos a paciencia.»

Com certeza é piada ao director. Se o homem quer a todo o pano passar tambem por intelectual...

PARA A HISTOIA

Como preliminar para o proximo julgamento dos individuos désta cidade, ha mezes presos como conspiradores, e atualmente nas cadeias da Relação do Porto, esteve no nosso tribunal, num dos dias da semana finda, o sr. dr. Gaspar de Abreu que juntamente com o sr. Joaquim Peixinho, advogado dos reus, interrogou novamente as testemunhas de acusação que figuram no respectivo processo.

Não assistimos ao espetaculo, porque êle se realisou no gabinête do sr. juiz e portanto fóra da sala do tribunal.

Informam-nos, porém, que toda a scena foi, sob todos os pontos de vista, muito edificante e curiosa, chegando uma testemunha a pedir com toda a energia ao sr. dr. juiz, que chamasse á ordem os advogados, que tanto a éla como a outras testemunhas, a quem não podiam embaraçar e conseguir respostas que aproveitassem aos seus propositos e perguntas capciosas, tratávam de mofar e achincalhar.

Essa testemunha, o sr. Matos, director da Escola Industrial Fernando Caldeira, que é um cavalheiro digno, sob todos os pontos de vista, não tolerou, com justificada razão, que, qualquer, abusando do seu mistér, ainda que com manifesto desrespeito da sua propria missão e logar, tratasse com menos proposito e consideração, quem ali foi para dizer da verdade das cousas, segundo a sua consciencia. O escrivão do processo, que é primo dum dos reus, e que um pequenino nada de equidade, lhe teria imposto o dever de se considerar na obrigação de alheiar-se dêsse encargo, tambem deitou piada ás testemunhas e tudo correu, emfim, no melhor dos mundos possiveis.

Mas... se Jaime Silva aproveitar déssa solução de continuidade de... absolvições que constante e persistentemente se vem dando no tribunal do Porto, isso nunca impedirá que o designemos, aqui e em toda a parte, simplesmente como o traidor consumado, o conspirador confésso.

Esse stigma, já agora, será eterno. Julgádo foi êle já por o gran de tribunal da opinião pública e pelo inconfundivel e grande juiz, que se chama—o Povo.

Jornada republicana

ESTARREJA MANIFESTA-SE

Instalação dum Centro seguida de comicio onde são calorosamente aplaudidos os oradores—Banquête

Como fôra anunciádo, a encantadora vila de Estarreja engalanou-se no domingo para receber no seu seio uma das mais prestigiosas figuras da democracia portuguêsa e consequentemente representante dos velhos republicanos que prepararam a revolução de outubro — o dr. Bernardino Machado.

Na vespera havia s. ex.ª chegádo a Aveiro em companhia do sr. dr. Barbosa de Magalhães e Gregorio Fernandes, representante do nosso coléga lisbonense *O Mundo*, e que na *gare* fôram saudados por algumas dezenas de correligionarios nossos, indo em seguida hospedar-se no *Hotel Cisne*.

A marcha para Estarreja efectuou-se no dia imediáto, pelas 12 horas, tomando logar no mesmo comboio que á linda vila conduziu o sr. dr. Bernardino Machado, muitos convidados e outras pessoas desejosas de ouvir o ilustre diplomáta.

Na estação de Estarreja eram os excursionistas aguardados por enorme multidão, que os vitoriáva com ininterrutos vivas á Patria, á Republica, ao dr. Bernardino Machado, a Afonso Costa, e á Lei da Separação emquanto no ar estralejávam centenares de foguetes e as duas bandas de musica, ali postádas, a *José Estevam*, de Aveiro e a de Canélas, faziam vibrar a *Portuguêsa* e o hino da *Maria da Fonte*, que os outros passageiros do comboio tambem aplaudiam erguendo vivas ao povo de Estarreja.

A muito custo se sae da *gare*, mas uma vez no largo fronteiriço á estação, organiza-se o cortejo em que tomam parte com as suas bandeiras desfraldadas ao vento os republicanos de Veiros e de Canelas além dos representantes de Aveiro, Oliveira de Azemeis e povoações limitrofes de Estarreja, á disposição de quem fôram postos os trens e automoveis que os membros da comissão organisadora do novo Centro ali tinham. A vila está engalanáda e de quasi todas as janélas onde se ostentam bandeiras e colgaduras, são atiradas flôres por gentilissimas damas, sobre o cortejo, que assim atravéssa algumas ruas.

Sessão soléne

Quando chegámos á séde do Centro que se ia inaugurar já êste se encontrava quasi cheio de gente, vendo-se junto ao estrádo bastantes senhoras que, com os seus garridos trages, dávam á festa a nota alegre das grandes solenidades.

A sála das sessões estáva artisticamente engalanáda, destacando-se na parede do fundo, junto á presidencia, um busto da Republica e os retratos do Chefe do Estádo e dos srs. drs. Bernardino Machado e Afonso Costa, além de outros quadros alegóricos que, por entre flôres e colchas de sêda adamascada, se descortinávam nas paredes lateraes.

A convite do nosso esforçado correligionario Francisco de Almeida Eça assume a presidencia da sessão o sr. dr. Bernardino Machado que por seu turno escolhe para secretários o sr. dr. Pereira Osorio, representante do Directorio e dr. Barbosa de Magalhães.

Em curtas palavras o sr. Almeida Eça diz quaes são os fins do Centro e apresenta á assembleia as desculpas da ausencia de França Borges, director do *Mundo*, que contudo se faz representar pelo nosso velho amigo Gregorio Fernandes.

O primeiro discurso do sr. dr. Bernardino Machado exaltando a obra dos fundadores do Centro de Estarreja

Cabe a vez de falar em segundo logar ao ilustre ministro dos Estrangeiros do Govêrno Provisório, sr. dr. Bernardino Machado.

A assembleia acolhe-o com enternecido carinho depois do que começa o seu discurso.

S. ex.ª congratula-se com a inauguração do Centro Republicano Democratico de Estarreja. Popositadamente declara acentuar a palavra *democratico*, não para que se julgue que sobre o Centro lança a ideia de qualquer divisão fracionária, mas por que o partido republicano foi sempre um partido democratico; democraticos os seus homens na oposição; democraticos os membros do primeiro govêrno da Republica. E não pode haver govêrno livre de uma nação livre que não seja democratico. São democraticos os govêrnos do povo para o povo. O proprio govêrno da monarquia inglêsa póde dizer-se um govêrno democratico.

Mais ainda do que os republicanos os seus adversarios precisáram que se implantasse a Republica. Ha muito já que os monarquicos não podiam erguer a cabeça. E a nossa obra serviu a dignificál-os.

De novo sauda os fundadores do Centro de Estarreja e formula os seus votos para que êles pelo mais acendrado amor pela Patria e pela Republica procurem engrandecêl-o e nobilitá-lo.

Viva o povo de Estarreja!

Uma revoada de palmas e vivas cobre as palavras finaes de Bernardino Machado, seguindo-se-lhe

Outros oradores

O sr. dr. Pereira Osorio fála em nome do Directorio do Partido Republicano e a proposito alude á consagração nacional que esse corpo directivo recebeu, da dias, em Braga. Depois cumprimenta enternecidamente os cidadãos que em Estarreja acabam de constituir aquêle baluarte, defensor dos bons principios republicanos e da Republica. Conhece por experiencia propria as dificuldades para a organisação de trabalhos de tal natureza e por isso verifica, com jubilo, que quando se luta como Estarreja lutou, é por que ha boa vontade e amor á Democracia.

O dr. Pereira Osorio, aplaudidissimo, encerra o seu discurso com um viva a Estarreja e aos iniciadores do Centro, que é muito correspondido.

A seguir o sr. José Carlos da Silva Freire, em vibrantes palavras de entusiasmo fala da obra do dr. Afonso Costa dizendo que emquanto durar a preciosa vida do eminente estadista, emquanto lhe pulsar o coração e lhe fulgurar a inteligencia, a Republica terá sempre um braço que a defenda como o teve, pêla sua penna, a consolidál-a, com os grandes decretos, pelo mesmo estadista produzidos, durante o periodo revolucionario. E' tambem vivamente aplaudido.

Por ultimo fala o sr. dr. Barbosa de Magalhães. Em nome do *Centro Republicano Democratico de Lisboa* e ainda no do Partido Republicano Português dirige as suas saudações a todos os esforçados membros daquêle Centro e que bem mostram compreender os deveres da politica. Esta faz-se hoje por principios, por ideias, por amor e por entusiasmo, postos ao serviço das mesmas ideias. E'-lhe gratissimo consignar quanto amor o povo de Estarreja nutre pela Republica na sua honra e genuina concéção e por isso o cumprimenta com todo o entusiasmo.

Esgotáda que foi a inscrição dos oradores, o sr. presidente dá por encerrada a sessão no meio de entusiasticos vivas a s. ex.ª, ao dr. Afonso Costa, á lei da Separação, etc. emquanto na rua, em frente ao edificio, as bandas de musica executam o hino nacional.

Depois volta a organisar-se o cortejo que segue até á Praça Vasco da Gama onde tem logar o

Comicio

São perto de 14 horas.

Numa tribuna préviamente armáda tomam logar os oradores, cercádos de correligionarios de Aveiro, Oliveira de Azemeis, Ovar e outros pontos, que por completo a enchem. A' sua volta muito povo, e num recinto reservádo, senhoras da vila e de fóra que o ocupam literalmente.

O nosso amigo Almeida Eça propõe para presidente o sr. dr. Pereira Osorio e êste para secretários os srs. Eça e o tenente do 24, João Pedro Ruéla.

O sr.

Dr. Pereira Osorio

adeantando se no estrádo, inicia os discursos:

Todos os que ali se encontram para falar ao povo, começa o ilustre membro do Directorio, teem uma vida de lutas e de sacrificio pela causa republicana. Muitos dêles podiam viver comodamente no remanso das suas casas e mesme ter conquistado altos cargos no regimo que se afundou em 5 de outubro. Preferiram porém o sacrificio, o caminho muitas vezes traçado até para a morte. Teem por conseguinte, êle orador e os que se lhe seguirem, autoridade para se apresentarem ao povo que lhes deve votar todo o respeito que merecem os que se sacrificam pela causa comum. Folga de vêr presente tão animada concorrencia. Dia a dia constáta novo triunfo para o partido republicano e para a Republica. Ha dias na Maia; hoje em Estarreja. O povo vai tendo bem a intuição dos seus deveres e dos seus direitos, mostrando-se disposto a integrarse no novo regime, isto é, no bem estar da patria.

O orador depois paraleliza, a proposito da situação politica actual, o caso Calmon e a consequente dissolução da *União Liberal* sem ter concluido a sua missão e a pretendida dissolução do Partido Republicano após a proclamação da Republica. O povo que tem a intuição da Verdade e do Dever não seguiu os que erroneamente assim pensaram por o que entendem, e muito bem, que é preciso que o Partido Republicano fique para a grande obra de propaganda que ainda ha a realizar. Os que assim pensam é que são correntes, é que estão no seu logar. A função do Partido Republicano continua a ser a mesma. E' absolutamente necessario que todos trabalhemos porque ainda ha muito por fazer, sobretudo nas terras de provincia onde o cacique imperáva. E' preciso mostrar ao povo que, perante o Direito, todos são iguais. O orador aborda depois a questão religiosa e demonstra que a lei da Separação não se fez para ferir os sentimentos religiosos de quem quer que seja, antes para assegurar as crenças de todos. O que a lei da separação impediu foi que o padre continuasse com os poderes temporais. O mais simples contracto tinha de ir ao *beija-mão* do padre. Hoje já não é assim. O padre tambem já não póde livrar os filhos-familias da vida militar porque o recrutamento por uma lei tão solutar como a da Separação tornou o serviço obrigatorio para ricos e paar pobres. Mas todos os que teem crenças poderão continuar a ir á missa ou a confessar-se. Ninguem os impéde. De aí o maior elogio da lei da Separação.

(Da assembleia partem calorosos vivas ao dr Afonso Costa e á lei da Separação do Estado das igrejas).

O orador, interrompido com aplausos prolongados, conclue a sua oração, saudando mais uma vez o povo de Estarreja.

Falam a seguir Rui da Cunha e Costa e o deputádo dr. Marques da Costa.

O nosso coléga da *Liberdade*, que tem primeiro a palavra, presta o seu preito de homenagem ao sr. dr. Bernardino Machado, a quem conheceu em Coimbra e por cujas qualidades de caracter e de talento nutre a maior admiração. Depois rende tambem os protestos da sua simpatia aos promotores da festa que ali se celébra. Entrando propriamente no assunto, Rui Costa mostra como o Partido Republicano foi sempre um partido democratico e como o sr. dr. Afonso Costa incarnou esse grande espirito de Democracia. Depois, e falando das duas especies de inimigos com que a Republica se tem defrontado: os que estão além fronteiras a trair a Patria e os que, a dentro desta, procuram perturbál-a com vis e mesquinhas intrigas, o orador é interrompido com um *não apoiado* a que replíca com toda a dignidade, e convida o interruptor a tomar logar na tribuna para estabelecer ás claras qualquer contradita, convite que não é aceite.

Proseguindo na sua ordem de ideias, o orador afirma, ao contrario do que por aí se tem feito espalhar, que os partidarios do dr. Afonso Costa não são antagonistas da politica de atração. Simplesmente, porém, só desejam atrair os homens de bem. Até hoje nenhum desses homens tem sido repudiado. Quanto a conspiradores e a conspiração entende dever dizer: a Republica não baqueia, mas se a monarquia se restaurassse, êle, orador, e todos os bons republicanos continuariam a conspirar. Contra a monarquia a conspiração é um bem; contra a Republica a conspiração é um crime de lesa-patria.

Muitos aplausos se ouvem ao mesmo tempo que no estrádo aparéce o dr. Marques da Costa.

Dirige o orador as suas saudações ao digno juiz da comarca sr. dr. Vale Guimarães, que muito folga em vêr na tribuna. Funcionário honestissimo, encontra-se ali muito bem. *(Muitos aplausos)*. Depois o sr. dr. Marques da Costa espraia-se em considerações a mostrar como os republicanos, governando, cumpriram o que haviam prometido na oposição e alude com louvor ás leis da Separação e do recrutamento referindo ácêrca désta ultima, o caso que por varias vezes tem presenciado, de, á partida dos soldados, ouvir a estes o canto patriotico da *Portugueza*. Comentando o facto de, por mais de uma vez, se procurar amesquinhar os homens que teem estado á frente da governação do país, o dr. Marques da Costa alude a uma déssas campanhas—a questão de Ambaca—com que se pretendeu manchar a honra de um ministro que fazia parte do Grupo Parlamentar Democratico. A' face de numeros, demonstra que o contrato do sr. Freitas Ribeiro nada tinha de ruinoso para o país e antes a solução tal como fôra proposta éra a mais pratica e menos onerosa.

Por ultimo e falando tambem de *politica de atração* diz ser seu partidário mas quando essa atração se pratique com cuidado e bom senso para não se cair na sequencia dos processos da monarquia, isto é, chamando só os púros e os honestos.

Apoiados e palmas.

Alberto Souto

Vai ser bréve, acentúa o nosso inteligente amigo e tambem coléga da *Liberdade*, e deputado por Aveiro. Não é estranho naquéla terra, mas um verdadeiro amigo déla e do seu povo. Quando primeiro administrador da Republica naquêle concelho não fez o serviço exclusivo da repartição; andou em missão de propaganda por todas as localidades, repartindo o verbo que animava e anima o seu coração e o seu espirito. Não o perturbarão ápartes. Está acostumado a prégar democracia ainda nos meios os mais adversos, mais inimigos. E fá-lo porque a sua vida é clara como a luz do dia, dêsse lindo sol que nos beija e acaricia. Foi criado á luz bemdita do ceu e sob essa luz se fez republicano combatente e apostolo. A sua vida intima e a sua vida pública podem ser discutidas por todos. Não tem, por isso, receio de discrepancias com a sua opinião. Vem ali para dizer verdades e só verdades, expôr ideias, e de todo esse trabalho se considerará bem pago, uma vez que saiba ter deixado ficar no coração dos que o escutam alguma coisa de bom e de consolador. Nunca prégou o mal, o vicio, a mentira. Por isso fala de cabeça erguida, com direito a ser escutado e respeitado.

O orador define o que é Republica e apresenta-a como o regimen da Democracia, da liberdade, da moralidade, do respeito, emfim, pelos dinheiros publicos. Pelo lado moral é a Republica a

unica condição essencial do levantamento da nossa Patria. E numa eloquente evocação dos nossos antepassados que fôram grandes nas descobertas dos mares, Alberto Souto, depois de verberar os desmandos da monarquia, exclama: Póde hoje Portugal estár em mãos de inexperientes, mas está em mãos limpas e de portuguêses incapazes de negociar com a sua patria. É é para levantar a patria que o povo deve dar tudo, na medida das suas forças: trabalho, riqueza, vontade, paixão, esforço. O orador define, por ultimo, no soldado que parte para as plagas africanas, no trabalhador que vai a mourejar para as Americas o sentimento nitido do amor pela patria, ao recordarem-se, saudosos, do lar, da mãe, do filho, dos irmãos, das namoradas que deixam na terra querida e abençoada.

Lutai pela Patria, dai por éla o vosso sangue, o vosso braço!

De todos os lados estrugem aclamações ouvindo-se dentre a multidão calorosos vivas á Patria, á Republica, a Alberto Souto, etc., etc.

Dr. Mélo Freitas

Serenádas as manifestações principia o seu discurso o ilustre governador civil substituto de Aveiro, que diz ser uma temeridade falar depois de Alberto Souto que a todos encantára com a sua palavra sugestiva de moço ardente. A victoria não quer nada com os velhos, já o afirmára um marechal francês. Mas se êle, orador, ficasse calado podiam toma-lo como integrado na conspiração do silencio e já está tambem farto de ser julgado como conspirador dêste genero. Afirma Goete que a duvida provém do inferno e que os demonios são os que negam. Ha por aí algum demonio que negue a Republica, que possa dizer que esta não chegou, e que a sua implantação foi como que um bilhete de ida e volta para o ultimo monarca reinante? Ha algum demonio que acredite que êsse D. Manuel, fanatico, libidinoso, possa ainda surgir em Portugal, que aliás já teve um rei do mesmo quilate em D. João VI, cuja memoria foi perpetuada nos patacos? Não é possivel.

Todas as vontades agora se enfeixam para a conquista do Bem pelo aperfeiçoamento da Republica. A estrada, é certo, está muito deteriorada, mas ha-de reparar-se, custe o que custar. A Republica veiu, está implantada, e ha-de perdurar para honra e engrandecimento dêste povo. E sendo assim, para quê as dissidencias no seio da sociedade portuguêsa? E sendo assim para quê essas intrigas venenosas que não poupam sequer o dr. Bernardino Machado que é acusado... da sua cordealidade? Ora a cordelidade do dr. Bernardino é constituida por ótimos sentimentos saidos do seu coração lavado. Bem haja a sua cordealidade!

O sr. dr. Mélo Freitas explana-se, em seguida, sobre a obra já realisáda pela Republica, terminando por um viva ao povo de Estarreja que é entusiasticamente secundádo.

Segue-se-lhe o sr.

Dr. Barbosa de Magalhães

a quem o auditorio acolhe com palmas.

Agradéce a honra que lhe conferiram as agremiações politicas de Estarreja em o constituir seu representante, na falta de um resignatario, e em vista de tal prova de confiança, promete, sob o mais solene juramento, defender os sagrados interesses e os legitimos direitos de Estarreja, perante as estações superiores. Fal-o-ha pelo amor, pela dedicação que vota áquéla vila que foi berço de seu avô Manuel Firmino. Tem ali parentes, amigos dedicados e quer pela terra, quer pelos homens existe, em seu coração, o mais enternecido afecto.

A seguir o orador analiza a situação politica atual e a obra realizáda pela Republica, obra que não tem esmorecido, apesar de todas as campanhas contra éla feitas. A abolição do imposto de consumo, a lei da Separação, como golpe de morte na reacção religiosa, mas não como ataque a crenças, a lei do recrutamento-militar e outros diplomas da Republica merecem do distinto jurisconsulto uma consagração em que envolve, respeitoso, o nome do sr. dr. Afonso Costa, figura primacial da sociedade portuguêsa, que muito desejaria ali ver protestando mais uma vez o seu grande amor á Patria e á Republica.

(De novo se produz entre o auditorio uma intensa manifestação ao nome do dr. Afonso Costa)

O orador faz ainda algumas considerações sobre a Republica e do que ha ainda a efectuar e termina reiterando os seus protestos de reconhecimento para com o povo republicano de Estarreja, que o aplaude com frenesi.

O sr. presidente anuncia então que vai dar a palavra ao ultimo orador inscrito, sr.

Dr. Bernardino Machado

Viva o dr. Bernardino Machado!

Viva o ex-ministro do Govêrno Provisório!—grita-se de todos os lados emquanto formidaveis salvas de palmas o acolhem.

O sr. dr. Bernardino Machado, agradecendo as manifestações de que é alvo, sauda de todo o coração o povo de Estarreja e o distrito de Aveiro, onde não sabe que mais admirar: se o homem se a mulher, ambos elevádos e dignificados pelo trabalho. Sauda essa região admiravel pelas suas virtudes morais. E não separa ninguem nesse cumprimento. Procurou sempre, na oposição, realizar uma campanha de atração. Desejaria ver reunidos todos os portuguêses em volta do sagrado pendão da Patria. Só uma selecção a fazer: chamar simplesmente todos os homens bons, todos os homens dignos. Tendo-se travado na oposição a luta com os maus, evidentemente que essa luta ha de manter-se. Falou-se já ali de serviços prestados pela Republica. Ele orador não se eximirá a recordar um dêles—o primeiro—qual foi o de mostrar ao mundo inteiro que em Portugal havia um povo livre. E essa afirmação dignificou-nos perante o estrangeiro. A vergonha era das maiores. Quem saía do seu país sofria dolorosamente ao ouvir o que se dizia de Portugal. Hoje cada português póde apresentar-se já deante de todos, como um ser independente.

Uma voz:—Isso deve-se a v. ex.ª.

A Republica, prosegue o dr. Bernardino Machado, é inabalavel porque a Revolução não foi feita por alguns homens, mas pela sociedade portuguêsa que se envilecia sob a pressão escandalosa da monarquia. Essa revolução fez-se porque era necessario que houvesse um governo do povo pelo povo. A monarquia era o engrandecimento do poder real pelo enfraquecimento do poder popular. Compreendendo-se que sem o apoio popular não ha nenhum govêrno forte a quéda da monarquia era inevitavel. Que pretendem agora alguns monarquicos arvorados em conspiradores? As conspirações só são fortes em nome de um principio digno. Porque é que os monarquicos não veem ao seio do povo defender o seu ideal? Porque o não tinham, porque o não teem. Porque teriam de defender, não os seus erros, mas os seus crimes contra a integridade da patria portuguêsa. O povo seria o seu juiz. Tão conscios estavam os monarquicos da sua falta no apoio popular que não se atreveram a aconselhar o monarca deposto a dirigir ao povo português uma mensagem, a defender-se ou a procurar reparar as suas faltas.

A Republica—nunca é demais repeti-lo—é o govêrno do povo pelo povo. Hoje não é como ontem. O rei, os ministros, os deputados, os pares do reino eram contra o povo. Hoje o Chefe do Estado é eleito pelo povo; os senadores, os deputados, os vereadores, os membros de paroquia são todos da eleição do povo. Já ali se expôz tambem o que a Republica fez para zelar e defender os interesses do povo português, cujos dinheiros iam para o sorvedoiro da monarquia. E' preciso entretanto acentuar o modo como tem cuidado das classes populares, das quais êle orador se não esqueceu quando ministro dos estrangeiros. E o dr. Bernardino Machado alude aos tratados que celebrou com a França, com a Italia e com a Austria-Hungria para proteger a entrada de artigos estrangeiros sobre que que incidiam impostos excessivos e para abrir os mercados do mundo aos nossos produtos; citou as providencias do govêrno provisório sobre impostos de consumo, prediais e de rendas de casa; aludiu á lei de recrutamento militar que considerou como uma escola de civismo para todos: pobres e ricos; e mostrou emfim como em Portugal existe hoje a liberdade de pensar, de trabalhar, de nos amarmos uns aos outros.

A proposito das eleições locais que hão-de realizar-se, o ilustre estadista diz que é preciso que todos votem livremente, com a maxima independencia e segundo a consciencia de cada cidadão. E' por igual mistér que o povo dê força ao seu govêrno. A obra da Republica ha-de continuar, forte e duradoura, e o fiador déssa obra será o povo. Não abdiqueis das vossas regalias. Mostrai-vos dignos da Republica, que a Republica ha-de ser digna de vós!

Estrepitosos aplausos partem da assembleia depois de concluido o eloquentissimo discurso do velho democrata, discurso de que apenas dâmos um palido reflexo por nem termos espaço nem tempo para mais.

O sr. dr. Pereira Osorio encérra em seguida o comicio dispersando os assistentes na melhor ordem e cheios de entusiasmo.

O sr. dr. Bernardino Machado dirigiu-se, após a reunião, para a Béstida, onde foi com alguns amigos, de automovel, visitar aquêle interessante trecho da Murtosa.

Um banquête

E' após o passeio que no *Hotel Candida* se celébra um lauto banquête oferecido pelos republicanos de Estarreja aos oradores e de mais convivas que os acompanharam. A sala em que fôram colocádas as mezas, acha-se ornamentáda a capricho e déstas sae o mais enebriante arôma que nos póde dar uma profusão de flôres dispostas por entre os variados fructos que, de espaço a espaço, se ostentam em magnificos centros.

Preside o sr. dr. Bernardino Machado, que tem á sua direita Almeida Eça e á esquerda o dr. Mélo Freitas. Todos os outros convivas, tenente João Pedro Ruéla, dr. Amadeu Encarnação, Francisco Antonio Pinho, Manuel Augusto da Silva, Fernão de Lencastre, M. Marques da Fonseca, Joaquim Nunes, Mario Guimarães, dr. Pedro Chaves, Silverio de Magalhães, Alberto Souto, dr. Samuel Maia, dr. Bardosa de Magalhães, Elisio Feio, dr. Joaquim Batista, Antonio Maria de Matos, Carlos Freire, Francisco de Oliveira Marques, Serafim Chichorro de Brito, Arnaldo Duarte Silva, Alfredo Mariano de Souza Ribeiro, José Maria de Oliveira, F. de Vilhena, José Antonio da Silva, Pompilio Ratóla, Rui da Cunha e Costa, Alberto Vilhegas, Filipe Soares de Albergaria, dr. Marques da Costa e Arnaldo Ribeiro, tomaram logar indistintamente, decorrendo no meio da maior animação, o explendido jantar cujo serviço mereceu os encomios de todos.

Ao *toast* trocáram efectosos brindes os srs. Almeida Eça, dr. Bernardino Machado, dr. Barbosa de Magalhães, Rui da Cunha e Costa, dr. Marques da Costa, dr. Amadeu Encarnação, Arnaldo Ribeiro, Alberto Souto, dr. Mélo Freitas, Elisio Feio e tenente Ruéla, terminando aquéla festa de confraternisação democratica com vivas á Patria, á Republica e aos republicanos de Estarreja, a que se associáram muitas senhoras e cavalheiros que no final compareceram na sala.

Os republicanos de Aveiro, bem como o sr. dr. Bernardino Machado, que parti para o Porto, dirigem-se em seguida para a estação do caminho de ferro acompanhados de muito povo, que constantemente os vitoriáva ao som da *Portuguêsa*, executada pela banda de musica José Estevam, não se podendo descrever o entusiasmo e a saudade que de todos se apossou á partida dos comboios, em que se trocáram as despedidas e as ultimas impressões da primeira jornada republicana levâda a efeito tão brilhantemente, na formosa vila de Estarreja.

Telegramas recebidos

De Coimbra:

Presidente Centro Democratico Estarreja.

Com vosco saudo efusivamente ilustres visitantes nosso Centro. Sem desfalecimentos avante pela verdadeira democracia.

Abraça-os

(a) *Tenente Simões.*

De Lisboa:

Ao Centro Republicano Democratico Estarreja.

Saudo esse novo baluarte da democracia fazendo sincéros votos pelas suas prosperidades.

Abaixo os caciques locaes do concelho.

(a) *Rodrigues de Oliveira.*

Do Calhariz:

Cidadão Presidente do Centro Republicano Democratico Estarreja.

Não podendo assistir inauguração rogo saude em meu nome ilustres visitantes de hoje.

(a) *Alberto Vidal.*

"A Patria,,

Entrou no 5.º ano êste orgão dos republicanos do concelho de Ovar a quem felicitâmos, desejando a continuação das suas prosperidades para defeza das novas instituições cada vez mais necessitádas do amparo dos velhos lutadôres.

Um bebedo que aí vive, de guedelhas compridas e barbas hirsutas, com fumáças de escritor, orador e homem de bem, pretendeu um dia, numa relissima papelêta com a qual permutâmos simplesmente por lhe querermos colécionar as asneiras e arquivar as incoerencias, insinuar que o director désta folha era *mau filho e mau chefe de familia*, insinuação que têve de engulir depois de o tornámos sciente, por meio duma carta, da disposição em que nos encontrávamos se ousasse mentir na publicação, que foi convidádo a fazer, de tudo quanto soubésse a respeito do nosso viver familiar. Os leitores, cértamente, recordam-se. Pois se se recordam é bom que agora olhem para êste triste espectaculo, que nos dá o autor da miseravel calunia: escorraçou de casa um filho doente só porque defendeu os legitimos irmãos numa questão suscitáda com os filhos adulterinos do desavergonhado pae!

Faltáva isto, *apenas*, para complemento da sua biografia.

Novo magistrado

Já se encontra em Aveiro o nosso presado amigo sr. dr. Adolfo Coutinho, novo delegado do Procurador da Republica nésta comarca, cuja posse lhe foi conferida ontem.

Cordealmente o cumprimentâmos.

Tempo quente

Tem sido excessivo, êstes dias, o calôr em Aveiro, e mais ainda não estâmos no verão.

Se assim continúa nem quanto gelo houvér será capaz de nos refrescar.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MAIO	
DIAS	PHARMACIAS
12	LUZ
19	RIBEIRO
26	ALLA

Coitádo

Recebêmos o seguinte:

...*Sr. redactor*

Na péça, com pretensões a bouquet *final, com que o advogado Jaime Duarte Silva na sua carta inserta num papelsito local, tenta provocar a piedade dos incautos leitores, excéção feita aos que já viram fogo de Viana, a proposito da falsa afirmativa que o autor néla faz de que os republicanos, pelas* perseguições *que lhe movêram o* reduziram quasi á mizeria—*peço licença a v. para o informar de que não passa de mais uma refalsada e repugnante insidia tal dedução.*

E' preciso que se saiba que quando da prisão daquêle cavalheiro *êle, ao deixar a sua residencia, recomendou que lhe pozéssem o jantar á hora do costume, porque voltaría de aí a pouco; mas quando convencido de que se tinha enganado, substabeleceu em tres dos seus colégas, os srs. drs. Cherubim Vále Guimarães, Joaquim Simões Peixinho e padre Antonio Fernandes Duarte Silva, as respevtivas procurações para que fôsse devidamente representado nos processos e não perdesse os honorarios, que por bom signal bem salgadinhos têm saido ás partes, tudo em beneficio da mizéria do sr. doutor!*

Além disso é preciso não esquecer o importante quinhão que o pae de Jaime Silva recebe, de ha muito, dos rendimentos do seu cartório, o mais rendoso da comarca, e que apezar da liberdade e clientéla do nosso heroe, *já desde largo tempo, este vivia de méros expedientes, assoberbado com pesadas dificuldades e encargos resultantes dos tristes e condenáveis actos publicamente praticádos, constando-se até um dia que estêve em ajustes uma importante transação... comercial, que se não chegou a ultimar pela simples falta de alguem que se responsabilisasse pela importancia requerida e que não era pequena. Estas referencias, sr. redactor, entendo que as devo fazer porque alguns serventuários de Jaime Silva fazem, nêste momento, cavalo de batalha da situação mizeravel do sr. doutor, devida em exclusivo, afirmam, á* perseguição *dos republicanos, como pretendem justificar, apezar de haver tambem quem veja nésta referencia á sua situação, quasi de mizeria, um outro objectivo o qual é preparar a opinião pública para o seu julgamento e ainda despertar o sentimento de piedade e de mizericordia no juri, em seu proveito.*

Esta opinião é, talvez, a que mais se aproxima da verdade, porque a creaturinha é páu para tudo e para toda a colher, saibem-no os aveirenses e não aveirenses.

Pela inserção déstas linhas grato se confessa

Aveiro, 6—5.º

Um correligionario.

BOATOS

Voltámos á antiga. Os propaladores de boatos tendenciosos, cuja raça tivémos a ingenuidade de considerarmos extinta, resurgiram, não havendo dia nenhum em que se não espálhem por todos os recantos do país noticias terroristas sobre a estabilidade da Republica, golpe de estado, entrada dos *paivantes*, intervenção estrangeira e outros disparates de egual jaez com que, aliás, muito gosam os *talassas*, principaes responsaveis, com alguns elementos republicanos á mistura, de tudo quanto tem concorrido para a intranquilidade pública.

Pela nossa parte não cessâmos de gritar bem alto—**é preciso que isto acabe por uma vez!** A nação precisa de trabalhar, a nação precisa de progredir, de avançar e isso não se faz no estado de alma e de espirito em que presentemente nos encontrâmos, sem esperança de melhores dias.

Para honra de Portugal, para honra da Republica, repetimos, necessario se torna pôr côbro a tanta indignidade, metendo na ordem todos os falsos, todos os corrutos que por odio ou despeito querem dár cabo désta nacionalidade.

Cumpra o govêrno com o seu devêr, que nós, os republicanos, que acima de vaidades e de interesses pômos o bem da nossa Patria, saberêmos cumprir com o nosso na hora em que nos fôr indicádo o caminho.

Não terá sido, por ventura, Jaime Silva um trampolineiro toda a sua vida? Se ninguem o póde contestar, que razões haverá para duvidar do que nos disse Bernardino Machado e que o primo do famigerádo camaleão confirmou em cartas publicádas na imprensa sobre o truc *preparádo arteiramente com a mira de se tornar célebre como prisioneiro politico?*

Qual vále mais? A palavra autorisada e digna do ex-ministro da Republica, a palavra que, com toda a gravidade, empregou o sr. dr. Moraes e Costa nas suas afirmações, o uo que, malevolamente, foi lançado a público e escrito pelo ultimo dos miseraveis?

Decididamente ninguem de bôa fé e são critério deixará de optar pela verdade. E a verdade é que Jaime Silva e os que exploráram com a ida do dr. Bernardino Machado á cadeia da Relação, **de proposito para o visitar,** *estão muito áquem de poderem ser considerádos homens de honra.*

NOTAS DA CARTEIRA

Registou-se civilmente, indo depois receber os sacramentos da egreja, a filhinha do nosso amigo Francisco Marques da Naia, que recebeu o nome de Ismália Malaquias da Naia.

Testemunharam o registo os srs. Pompeu da Costa Pereira e Lino da Silva Marques.

= Estivéram em Aveiro os srs. Manuel Ferreira Campos, de Ouca, João Maria Roldão e Ribeiro Dias, farmaceuticos em Mira.

= Têve ha dias o seu bom sucésso a esposa do nosso correligionario Manuel Lopes da Silva Guimarães, sr.ª D. Maria José da Costa Guimarães.

Nasceu uma menina a qual foi registada com o nome de Didia da Costa Guimarães na presença das testemunhas Eugenio Ferreira da Costa e Manuel Barreiros de Macêdo.

= Tambem déram á luz, ultimamente, as sr.as D. Rosalinda dos Anjos Oliveira Cidraes e D. Virginia de Quina Domingues Ferreira, respectivamente esposas dos srs. José Antonio Cidraes e alferes Gaspar Ferreira.

A primeira têve um menino, que desde o dia 4 se chama Fernando de Oliveira Cidraes e a segunda uma menina a quem foi posto o nome de Maria Clementina de Quina Domingues Ferreira.

Muitas felicidades.

= Vai em via de reslabelecimento a sr.ª D. Alice Brito, esposa do sr. Amadeu Tavares Pinto.

= Consorciou-se na quarta-feira o sr. Antonio da Conceição Rocha com a sr.ª D. Carolina Homem Cristo.

DESCARAMENTO

Numa nova missiva ontem publicáda no *Jornal de Noticias*, volta o prisioneiro Jaime Silva a querer convencer o público da veracidade dos boatos espalhados sobre a ida do sr. dr. Bernardino Machado á cadeia da Relação, tendo o descaramento de falar no *seu caracter* e de afirmar *que não é homem acostumádo a pedir que a verdade se deturpe, ou a deturpál-a êle proprio, por quaesquer circunstancias, sejam de que natureza fôrem.*

Tem-se visto. Nós é que sômos uns más linguas muito grandes...

DECLARAÇÃO

Sr. Director de O Democrata.

Rogo a V. me dispense um cantinho do seu conceituado jornal para declarar o segunte:

Em Novembro ultimo deixei a gerencia dos Armazens do Chiado, *em Aveiro, e entrei para socio gerente de* O Novo Mundo, *nésta cidade.*

Soube, porém, ha dias, que a minha saída do Chiado *havia causado engulhos a alguem que, em desforço, pretendeu beliscar-me na minha dignidade com argumentos sem nexo nem verdade. Chamei á esquadra o propalador das tendenciosas noticias, que na presença de testemunhas idoneas declarou, por forma terminante, que tais boatos eram falsos e sem o mais leve motivo para o seu aparecimento. Venho, pois, por este meio tornar publico o que se passa, reservando-me o direito de proceder judicialmente em momento oportuno contra os falsos boateiros.*

Aveiro, 8 de Maio de 1912.

O socio gerente de *O Novo Mundo*

Antonio Alves Videira.

No fim

— Foste ao *rei dos gatunos*?... Gostaste?

— Hum...

— Porquê?

— Porque o de cá é muito melhor, é autentico!...

Vêr a 4.ª pagina.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 24 de Abril

A fim de descançarem das suas fadigas comerciaes embarcaram para Portugal no dia 20 do corrente, a bordo do *Rugia*, os nossos amigos e correligionarios, srs. José Simões dos Reis e Antonio Domingues da Cruz, este de Canélas e aquêle de Fermelã, concelho de Estarreja.

Que tenham uma feliz viagem e que gosem bastante, é o que do coração lhes desejâmos.

= Embarcou tambem no mesmo vapor o ex-comendador, sr. Jorge Correia, um dos proprietarios da grande fabrica Palmeira, o qual se destina á praia da Granja.

= Por ter sido descoberta antecipadamente, não se realisou pelo partido *Lemista*, a projectada deposição do sr. dr. João Coelho, muito digno governador dêste Estado, bem como a do sr. Virgilio Mendonça, intendente municipal.

= Acha-se doente, com a peste bubonica, o nosso amigo sr. David Eusebio Pereira, de Cacia.

= Regressou do Porto, para onde tinha ido ha tempo procurar alivios á sua enfermidade, juntamente com uma sua filhinha, a dedicada esposa do nosso particular amigo, correligionario e socio fundador do *Centro Republicano Português no Pará*, sr. Abilio Augusto Teixeira, bemquisto comerciante nêste Estado.

= Faleceu hoje no hospital D. Luis, o nosso amigo João Maria Rufino, natural de Veiros, que ali tinha dado entrada para se tratar duma quéda que deu numas obras aonde andava. Sendo preciso amputar-lhe uma das pernas, esta operação não lhe evitou a morte, o que muito sentimos.

Pêzames á sua familia.

C.

Santarem, 8

Realisou-se no domingo passádo o *match de foot-ball* entre o *team* academico désta cidade e o *team* dos sargentos de infanteria 34, aqui aquarteláda, pertencendo a vitoria ao primeiro *team* por um *goal* contra zéro.

O jogo correu muito animado, apezar de não ter havido musica no recinto. Mas em compensação não faltaram trambolhões.

= Para domingo está anunciada uma grandiosa corrida de touros, á antiga portuguêsa, em beneficio da Associação dos Bómbeiros Voluntarios de Santarem, e na qual tomam parte distintos amadores, que são segura garantia de uma tarde bem passáda.

Oxalá não esteja mas é o calôr que estes dias nos tem trazido afrontados, fazendo-nos distilar por quantos póros ha no corpo.

C.

Alquerubim, 4

Já começaram os trabalhos da tapagem do rombo feito pelas grandes cheias do rio Vouga, no sitio do Corgo, de Páos, pelo qual entrou grande porção de areia que estragou muitos hectares de terra que deixou de produzir alguns milhares de alqueires de milho. E' uma obra que evitará a perda de propriedades no valor de muitos contos de reis.

= Esteve muito doente com uma angina, de que já está melhor, o sr. dr. João Graça. Tambem vae muito doente o sr. dr. Nogueira e Mélo. A ambos desejamos rapidas melhoras.

= Regressou do Porto, onde foi assistir ao casamento de um seu sobrinho, o sr. Manuel Maria Amador.

= Partiu para Benguela o sr. dr. Alberto Lemos.

= Já regressou de Lisboa á sua casa da Fontinha o sr. Manuel Pereira Martins, proprietario e capitalista.

= O vinho baixou de preço, porque as vinhas prometem abuudante colheita.

= Abriu mais um estabelecimento comercial nésta freguezia, que agora fica com treze.

= Não haverá quem mande pagar os calotes atrazados aos professores primarios?

Não haverá deputado ou senador que queira praticar essa esmola?

C.

Castélo de Paiva, 6

A' autoridade competente perguntâmos: porque se não cumpre a lei ácêrca dos factos já denunciados, e que são do dominio publico e alguns dêles existentes nas respetivas repartições?

Não seria dada uma participação á camâra municipal, e no tempo da monarquia lembrada por varias veses á ilustre câmara municipal, dumas transgressões de posturas existentes, ainda hoje, em Moimenta, freguezia de Fornos?

Porque se não cumpre a lei respeitante a uma queixa apresentada na administração contra os donos e cães que não satisfazem as disposições legaes?

Porque se não cumpre a lei, estando-se ensinando numa freguesia doutrina religiosa, sem atenção pelos direitos do atual regimen? Porque se não procede contra uma mulher de fóra do concelho que vem ao logar do Castélo requerer almas do outro mundo?

A' autoridade superior pedimos providencias.

C.

Cacia, 7

Estêve hoje um grande dia de calôr pelo que se observou a maior animação nos campos onde se trabalha sem descanço, principalmente nas terras baixas que mais prejuizos sofreram com as ultimas cheias.

O aspecto das vinhas é prometedor. Caso não sobrevenha qualquer contra tempo, os nossos lavradores contam fazer bôa colheita.

= Retirou para Lisboa hoje de manhã o deputado dr. Marques da Costa.

= Continúa desenfreáda a ladroeira por estes sitios e por isso não nos cançarêmos de chamar a atenção das autoridades afim de vêr se de alguma maneira se lhe põe côbro. Não póde ser. As queixas são imensas, o descaramento por parte dos gatunos é inaudito o que nos léva a dizer que isto assim não vai bem, sendo necessário que intervenha quem o déve fazer, mas quanto antes, sem delongas. A não ser que nos autorisem a defendermo-nos porque então o caso muda de figura...

= Retirou ha dias para Cascaes o nosso amigo sr. José Lopes dos Santos, da Povoa do Paço.

= Consta-nos que não se realisam êste ano as festas do Espirito Santo, que davam ensejo á vinda de muitos conterraneos nossos, ausentes em Lisboa e noutras terras.

= Pensa-se novamente em alargar o cemitério désta freguezia para o que já aqui veio, na companhia do sr. presidente da cêmara, o delegado de saude de Aveiro, sr. dr. Pereira da Cruz.

Não sabemos por emquanto o que foi resolvido.

= A Estarreja fôram no domingo alguns correligionarios nossos assistir á inauguração do Centro Republicano. Regressaram á noite imensamente satisfeitos com as festas que ali observaram em honra do sr. dr. Bernardino Machado, ilustre ministro dos estrangeiros do govêrno Provisorio.

C.

Pinheiro, 7

Ainda a proposito das referencias amaveis que o orgão do *Bébes* fez, numa correspondencia, ás festas aqui realisádas, quando da inauguração na escola do retrato do sr. dr. Manuel de Arriaga, alguem nos perguntou se o seu autor respondeu ás nossas palavras sobre o assunto.

Não, meus caros leitores; esses *Bébes*, quaes Homens Cristos, supõem que a doutrina por êles desenvolvida e inspirada pelos vapores do alcool, é muito apreciada pela opinião publica, quando todos nós sabemos que êles não tem autoridade moral, nem intelectual para se impor á sociedade como jornalistas...nem como cousa alguma.

Sempre ha muito imbecil por este mundo!...

= Tendo a escola primária do logar de Loure uma frequencia relativamente grande, pedimos ao sr. sub-inspector escolar do respectivo circulo, o fornecimento duns mapas e outros acessórios necessarios para a referida escola.

A ilustre professora dali queixa-se amargamente de que luta com bastante dificuldade para a devida orientação das creanças, por falta dêstes utensilios.

= Por iniciativa da comissão paroquial e politica de S. João de Loure, devem ser inaugurados para julho proximo os retratos do chefe da nação nas escolas de S. João e de Loure.

= Tem experimentado alguns alivios o nosso amigo Francisco Martins Sant'Ana, das Azenhas, o que muito sinceramente estimâmos. E' seu medico assistente o dr. José Maria Soares, de Aveiro.

= Tambem tem estado gravemente doente uma filha da sr.ª Ana R. de Mélo, do visinho logar do Salgueiral.

Desejamos-lhe as melhoras.

= Chegaram da capital o sr. dr. José Nogueira Lemos e sua ex.ma cunhada a sr.ª D. Celina Vasconcelos de Lemos.

= Faleceu em Paus, com uma pneumonia dupla, e na flôr da vida, uma filha de Filomena d'Almeida. Sincéros pêsames, á familia enlutada.

= Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo sr. Lourenço Peixinho acompanhado de sua ex.ma esposa e filhinho.

= Atingida por uma pedrada no sobre-olho esquerdo, a filha do nosso amigo Manoel Rodrigues da Silva, teve de ser o ferimento cosido a pontos naturaes, na pharmacia do logar, pelo abalisado clinico dr. Lourenço Peixinho. A ferida apresentou já a devida queixa em juizo, tendo sido feito o respectivo exame medico.

C.

MOVIMENTO MARITIMO

Barra de Aveiro

Entradas — Dia 3: canôa de pesca *Gratidão*, tonelagem 15, com peixe, de Sines. Mestre Ricardo Gomes; tripulantes, 9.

Saídas — Dia 2: caíque *Marquês de Pombal*, tonelagem 19, com peixe, para o Porto. Mestre João dos Reis; tripulantes. 9.

Juizo de Direito

DA

COMARCA DE AVEIRO

ARREMATAÇÃO

(2.ª publicação)

No dia 12 de maio proximo, por 11 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial désta comarca sito na Praça da Republica désta cidade e nos autos de execução requerida por Maria Marques de Jesus, de Mataduços, contra seu marido José dos Santos Neto, ausente no Brazil, vae á praça para ser arrematado e entregue a quem mais oferecer o seguinte predio pertencente e penhorado ao executado: O direito que o executado tem a uma quarta parte de uma terra lavradia e pertenças sita no Monte Pequeno, limite do Paço, freguezia de Esgueira.

Pelo presente são citádos os crédores incertos.

Aveiro, 30 de abril de 1912.

O escrivão do 3.º oficio

Albano Duarte Pinheiro e Silva.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão.

O DEMOCRATA

SUPLEMENTO AO N.º 220

Director e editor—ARNALDO RIBEIRO

AVEIRO, 11 DE MAIO DE 1912 — *Impresso na Tipografia SILVA*

DESMASCARANDO OS INTRUJÕES

Uma nova carta do honrado clinico portuense, dr. Moraes e Costa, sobre a visita do ex-ministro sr. dr. Bernardino Machado á cadeia da Relação.

Emfim! O sr. dr. Moraes e Costa decidiu-se, e ainda bem, a acabar por uma vez com a espéculação tôrpe que, ácêrca da faláda visita do sr. dr. Bernardino Machado á Relação do Porto, aí se andava fazendo com repercussão em suspeitos jornaes de fóra, que de tudo se aproveitam, sem escrupulos, para mostrarem uma pontinha de má vontade ao ex-ministro dos estrangeiros do govêrno Provisorio, incontestavelmente mais digno, mais modelar na sua firmeza de principios do que aquêles que, como farçantes da ultima espécie, o pretendem abocanhar servindo-se de todos os meios e de todas as armas—até da calúnia vil—para vêr se alcançam o almejádo fim que os traz obsecádos—a sua inutilisação—como se a Patria e a Republica não precisassem de homens, muitos homens, mesmo, da envergadura moral de Bernardino Machado. Mas a verdade é só uma e não é qualquer pulhastre por mais habilidoso que seja, que conseguirá deturpal-a, torcel-a, para servir os seus interesses, como queria essa corja ignobil, que de longa data vem infestando a cidade, capitaneáda pelo indigno emulo de Homem Cristo—o conspirador Jaime Silva.

E basta. Porque a nova carta do dr. Moraes e Costa, que só malandros ou perversos pódem pôr em duvida, diz tudo. Clara como a luz do dia, déla se vê irradiar a Verdade, como do firmamento os raios do sol que nos ilumina.

Eil-a:

Sr. Redactor:

O sr. dr. Jaime Duarte Silva tem vagar e entretem-se a cultivar o genero epistolar. Outro tanto me não acontece a mim que, tendo muitos afazeres, não posso perder tempo com coisas inuteis e absolutamente estereis. Eis o motivo porque respondi ontem mesmo.

O sr. Jaime Silva continúa a querer incutir na opinião pública que a *visita* do sr. dr. Bernardino Machado não o honrou (sic). E' uma *scie*.

Porém, o sr. Jaime Silva, quer, *malgré tout*, que o sr. dr. Bernardino Machado, *subindo á secretaría da Relação na passada segunda-feira, 22 de abril, pelas 15 horas e um quarto, o fizesse de proposito para o cumprimentar.*

E' uma verdadeira obcessão. E nésta sua obcessão, o sr. Jaime Silva méte os pés pelas mãos afirmando que o dr. Bernardino Machado não foi á *Relação de proposito para lhe falar mas subindo á secretaría o fez de proposito para o cumprimentar.*

Isto por si já não faz sentido, nem se compreende bem como o sr. Jaime Silva tenta distinguir estas duas partes, visto que diz numa das suas cartas que esteve com o sr. dr. Bernardino Machado, *palestrando*, mais de uma hora. Então foi lá o sr. dr. Bernardino Machado *só* para o cumprimentar ou para *palestrar?*

Umas vezes diz o sr. Jaime Silva que o sr. dr. Bernardino Machado foi de proposito á cadeia para o cumprimentar, outras para me acompanhar, outras vezes que lhe perguntei se o queria ir vêr e ainda outras que subiu a meu convite.

Ora, sr. Jaime Silva, se o sr. dr. Bernardino Machado foi á Relação a meu convite, evidentemente que não foi de *proposito para o cumprimentar*; quando muito seria para me acompanhar.

Tenho pelo sr. dr. Bernardino Machado a mais sincéra amisade e a mais subida veneração, mas nem esta nem aquela me autorisávam a pedir-lhe que me acompanhasse a fazer as minhas visitas.

Embora lhe pése, sr. Jaime Silva, o sr. dr. Bernardino Machado **não foi de proposito á cadeia nem para lhe falar nem para o cumprimentar.**

Diz mais o sr. Jaime Silva que eu, conhecendo tão bem muitos dos meus correligionarios, previra o enxovalho de que seria vitima o sr. dr. Bernardino Machado.

Está s. ex.ª enganado; eu não receio pelos meus correligionarios, mas pelos seus.

Os meus correligionarios, incapazes de uma indignidade, não lhes cabe os qualificativos com que s. ex.ª os mimoseia. **Outro tanto, infelizmente, não posso dizer dos seus incorrigiveis correligionarios que, deturpando a verdade, envenenam os mais singélos actos.**

E a confirmal-o, vejâmos: Foram os jornaes republicanos que fizeram o reclame da visita do dr. Bernardino Machado á cadeia? Não, nem nisso falavam.

Quem veio então fazer *chantage* com essa visita, despertando odios, pela deturpação dos factos? Foi *O Aveirense*, o jornal dos seus correligionarios e admiradores que afirmava o *proposito* do sr. dr. Bernardino Machado em lhe ir falar. O que fiz eu? O mesmo que s. ex.ª,—afirmar que tal informação era absolutamente destituida de verdade.

Não tendo feito nessa minha carto outra referencia a s. ex.ª que não fosse o manifestar-lhe a minha amisade cordeal, não compreendo uma tal insisteneia, a não ser que s. ex.ª queira defender as informações que a *pessoas estranhas á sua familia* dirigiu por carta para Aveiro.

Creio que o sr. Jaime Silva não virá de novo a confirmar que só ás pessoas de sua familia deu conhecimento da *honrosa visita* do sr. dr. Bernardino Machado.

Com certeza não foram seus pais que déram a noticia para *O Aveirense* nem tão pouco o sr. dr. Bernardino Machado, o sr. Francisco Aranha ou eu.

Quem seria? Talvez aquêles dois amigos de Aveiro a quem o sr. Jaime Silva, no dia da visita do dr. Bernardino Machado á cadeia e que no dia seguinte, nos Arcos, se gabavam de que s. ex.ª tinha ido *de proposito* falar ao sr. Jaime Silva sobre politica democratica em Aveiro, convidando-o a aceitar a chefia, porque em bréves dias lhe seria feita justiça e posto em liberdade, e outras bandices de igual jaez.

Olhe para que servem os amigos...

E para terminar direi que sua ex.ª nunca solicitou de mim quaesquer considerações pelo facto do nosso parentesco, mas que, sem as solicitar, recebeu de mim desde a sua prisão no extinto convento de Santa Joana, de Aveiro, até hoje, as mais inequivocas provas da mais sincera e desinteressada amisade.

E por aqui me fico, porque o tempo é-me precioso.

Agradece o vosso muito dedicado,

Morais e Costa

Consta que alguns assalariados do conspirador Jaime Silva se prepáram para irem ao Porto, na terça-feira, assistir ao julgamento dêste reu e dos seus quatro companheiros afim de, sendo absolvidos, como espéram, desde logo lhes testemunharem a sua afeição de vassalos, acompanhando-os depois até Aveiro.

Se tal acontecer não será, cértamente, sem o protésto dos republicanos, que as *lidimas individualidades da nossa terra* **levarão a cabo tão triste ideia.**